



Para imprimir este artigo clique no ícone de impressão ou tecla Ctrl-P



07/02/2006

Cigarrinha em capim marandu: a culpa é a monocultura

Por Moacyr B. Dias-Filho¹

Nos últimos anos, mas principalmente a partir de 2004, tem aumentado a incidência de casos de ataques severos de cigarrinhas em pastagens de capim-marandu ou capim-braquiário (*Brachiaria brizantha* cv. Marandu). O problema tem sido particularmente preocupante no norte dos estados do Mato Grosso e Tocantins, ao sul do estado do Pará e no estado de Rondônia.

Desde o seu lançamento no mercado, em 1983, o capim-marandu mostrou ser um capim praticamente livre de problemas com pragas ou doenças que pudessem limitar a sua produtividade.

De fato, vários estudos e observações de campo indicavam que o capim-marandu seria resistente às diversas espécies de cigarrinhas típicas de áreas de pastagens no Brasil. Portanto, os recentes relatos de ataques de cigarrinhas às pastagens de capim-marandu têm sido vistos com certa surpresa por muitos produtores, técnicos e pesquisadores.

Segundo o pesquisador José Raul Valério da Embrapa Gado de Corte, o que estaria provocando essa onda de danos às pastagens de capim-marandu, seria um gênero de cigarrinha (*Mahanarva*) que normalmente não atacaria pastagens e sim gramíneas de maior porte, como a cana-de-açúcar e o capim-elefante.

A hipótese para essa súbita mudança de comportamento seria que, em virtude do crescente aumento da área plantada de capim-marandu, as espécies de cigarrinhas típicas de pastagens, mas que não seriam muito bem adaptadas ao capim-marandu, estariam sofrendo grande redução populacional.

Essa redução abriria espaço para a proliferação de cigarrinhas menos comuns em pastagens, como as do gênero *Mahanarva*, que aparentemente se adaptariam melhor ao capim-marandu. Com o grande aumento populacional desse gênero de cigarrinha, os danos às pastagens de capim-marandu tornam-se, então, mais severos e frequentes.

Embora, teoricamente, existam alternativas de combate à praga a curto e médio prazo, como o controle químico, através do uso de inseticidas, ou até mesmo o controle biológico, utilizando fungo entomopatogênico (Valério 2005), na prática, nem sempre é possível garantir a viabilidade biológica e econômica dessas alternativas de controle.

A crescente incidência de ataques de cigarrinhas em pastagens de capim-marandu, assim como a "síndrome da morte" desse capim ([ver Radares Técnicos - Pastagem, de 19/12/2005](#)), são problemas extremamente preocupantes que até bem pouco tempo atrás não se ouvia falar.

Esses graves problemas, embora totalmente distintos do ponto de vista biológico, estão intimamente ligados a um problema comum e muito maior - a prática da monocultura do capim-marandu, que tem se expandido nos últimos 20 anos no país.

Para muitos capins tropicais, como o marandu, a monocultura por períodos longos de tempo é particularmente arriscada pois o modo de reprodução desses capins (apomixia) faz com que as sementes produzidas gerem plantas que são clones naturais, isto é, são cópias exatas da planta-mãe. Tal característica leva a uma total falta de heterogeneidade nas áreas plantadas, a qual se constitui em grande risco no que diz respeito a pragas e doenças, já que todas as plantas em uma pastagem responderiam de forma idêntica a um eventual ataque.

Por outro lado, o fato das pastagens serem "culturas perenes", isto é, as mesmas plantas permanecem na área por anos a fio, aumentaria ainda mais as chances para o desenvolvimento de condições que favoreceriam ataques letais de insetos-praga e patógenos.

Dessa forma, a diversificação das pastagens, ou seja, o uso de mais de um tipo de capim em áreas distintas dentro da fazenda, seria uma forma inteligente de planejamento estratégico, que resguardaria a propriedade rural contra eventuais fatalidades biológicas.

Infelizmente, o grande sucesso inicial do capim-marandu, criou uma situação de certa acomodação entre pecuaristas, técnicos e pesquisadores. Essa situação levou a que, hoje, as opções disponíveis no mercado de sementes para a diversificação de pastagens

sejam relativamente limitadas e, em alguns casos, menos atrativas, do ponto de vista de manejo, do que o uso do capim-marandu.

Algumas das possíveis alternativas para a diversificação das pastagens seriam os capins massai, tanzânia e mombaça (cultivares de *Panicum maximum*), o capim-andropógon (*Andropogon gayanus* cv. Planaltina) e o quicuío-da-amazônia (*B. humidicola*).

Para o futuro, as perspectivas parecem ser um pouco mais animadoras, em termos de opções forrageiras para a diversificação de pastagens. O programa de seleção e melhoramento de forrageiras da Embrapa, coordenado pela Embrapa Gado de Corte, está trabalhando em rede nacional para, disponibilizar novas cultivares de *B. brizantha* e *B. humidicola* durante os próximos anos. Tais cultivares poderão trazer fôlego novo para a atividade pecuária no Brasil.

Os fatos estão pouco a pouco mostrando que insistir na monocultura do capim-marandu (ou de qualquer outro tipo de capim) poderá se constituir na fórmula para o colapso da atividade pecuária em grande parte do Brasil.

Literatura citada

VALÉRIO, J.R. Pragas em pastagens: identificação e controle. In: PEDREIRA, C.G.S.; MOURA, J.C. de; DA SILVA, S.C.; FARIA, V.P. de (Ed.). 22^o Simpósio sobre manejo de pastagem. Teoria e prática da produção animal em pastagens. Piracicaba: FEALQ, 2005, p. 353-386.

¹Moacyr B. Dias-Filho, Engenheiro Agrônomo, M.Sc. em Pastagens pela ESALQ/USP e Ph.D. em Ecofisiologia Vegetal pela Cornell University e pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA.

Texto reproduzido do site BeefPoint - www.beefpoint.com.br